

LINGUASAGEM

A CONFIGURAÇÃO DO SUPORTE INCIDENTAL MESA DE ESTUDO: UMA ABORDAGEM SISTÊMICO-FUNCIONAL

Alex Caldas SIMÕES¹
Maria Carmen Aires GOMES²

RESUMO

Já há algum tempo estudiosos das ciências da linguagem (Cf. MARCUSCHI, 2003, 2008; BEZERRA, 2006, 2007; TÁVORA, 2008; SIMÕES, 2010) têm postulado que, de alguma forma, o gênero é afetado pelo suporte e vice-versa. Diante desta prerrogativa, em nossa exposição, pautados no aporte teórico-metodológico da Lingüística Sistêmico-Funcional (LSF – HALLIDAY, HASAN, 1989; SIMÕES, 2010), configuraremos o suporte incidental mesa de estudo de uma biblioteca pública. De nossa pesquisa, concluímos, primeiramente, que o gênero escolhe o melhor suporte para sua materialização, haja vista a realização de seu propósito social e reconhecimento. Escolhido o suporte, se convencional ou incidental, o gênero passa a se configurar. Concluímos ainda que a configuração do suporte mesa de estudo consiste na eleição dos seguintes elementos gráficos: (a) o *componente físico*, celulose e madeira; (b) o *componente visual (design)*, textura lisa e fosca na cor marrom escura, forma retangular (1mX1m), estrutura em madeira, módulo em acabamento liso e fosco em uma montagem composta por baia, superfície plana e pés, e um movimento classificado como móvel e inflexível; e (c) a inexistência de *componente discursivo*.

Palavras-chave: Linguística Sistêmico-Funcional. Suporte. Configuração.

ABSTRACT

For some time students of the sciences of language (Cf. MARCUSCHI, 2003, 2008; BEZERRA, 2006, 2007; TÁVORA, 2008; SIMÕES, 2010) have postulated that, somehow, the support is affected by gender and the gender is affected by support. Given this power, in our exhibition, guided the theoretical and methodological Systemic Functional Linguistics (SFL - HALLYDAY, HASAN, 1989; SIMÕES, 2010), configured up support incidental desk study of a public library. From our research, we conclude, first, that gender chooses the best support for its realization, given the realization of its social purpose and recognition. Chosen the support, if conventional or

¹ Professor efetivo do Instituto Federal do Espírito Santo (IFES). Licenciado em Língua Portuguesa (UFOP). Bacharel em Estudos Linguísticos (UFOP). Mestre em Letras (UFV). Doutor em Letras (UERJ). Pós-doutor em Letras pela UNIFESP. E-mail: axbr1@yahoo.com.br

² Professora efetiva - Associada III - da Universidade Federal de Viçosa com experiência na área de Linguística. E-mail: mcgomes@ufv.br

incidental, the genre begins to take shape. Also concluded that the configuration of the support desk study is the election of the following graphics: (a) the physical component, and wood pulp, (b) the visual component (design) smooth texture and matte dark brown in color, rectangular shape (1mx1m) wooden structure, module in matte finish and in an assembly composed of the bay, flat, feet, and a movement classified as mobile and inflexible, and (c) the absence of discursive component.

Keywords: Systemic Functional Linguistics. Support. Configuration.

Esclarecimentos iniciais

A noção de suporte, seja em seu âmbito material ou em seu âmbito virtual, enquanto objeto de estudo das ciências da linguagem, se encontra em profundas problematizações e pesquisas (Cf. MARCUSCHI, 2003, 2008; BEZERRA, 2006, 2007; SOUZA & CARVALHO, 2006; SOUZA & CARVALHO, 2007; SOUZA, 2009; SOUZA, 2010; SIMÕES, 2010; TÁVORA, 2008). Somente há pouco tempo o conceito de suporte tem sido apresentado pelas ciências da linguagem (Cf. MARCUSCHI, 2003, 2008; TÁVORA, 2008; SIMÕES, 2010) e, também, somente há alguns anos a ideia de *configuração* tem sido aplicada ao suporte (Cf. SIMÕES, 2010; SIMÕES & GOMES, 2011). É cada vez mais evidente que, de alguma forma, o gênero discursivo é afetado pelo suporte, e, da mesma forma, o suporte é afetado pelo gênero discursivo – ainda que exista um debate, recente, sobre a hierarquia do gênero sobre o suporte, do suporte sobre o gênero, ou a igualdade de condições entre o gênero e o suporte (Cf. SIMÕES & GOMES, 2011). A fim de evidenciar como se articula a relação gênero-suporte, apresentaremos em nossa exposição a configuração do suporte incidental mesa de estudo de uma biblioteca pública. Para tanto, basearemos-nos nas pesquisas sistêmico-funcionais e no conceito de suporte postulado por Simões (2010) em sua dissertação de mestrado³. Uma vez entendida tal postulação, realizaremos algumas observações sobre o conceito de suporte incidental e uma aplicação da proposta em nosso *corpus* de pesquisa. Por fim, apresentaremos nossas considerações finais sobre o assunto.

O suporte na perspectiva sistêmico-funcional

³ SIMÕES, Alex Caldas. “A configuração de gêneros multimodais: um estudo sobre a relação gênero-suporte nos gêneros discursivos tira cômica, cartum, charge e caricatura.” Viçosa, 2010. 140f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal de Viçosa.

O suporte na perspectiva da Linguística Sistêmico-Funcional é visto como parte do gênero⁴. Ele, portanto, corresponde à organização material da linguagem, inscrita no Registro⁵ (Cf. SIMÕES, 2010).

A postulação de Simões (2010) acerca do conceito de suporte, apresentada, em sua dissertação de mestrado, então, tem como pressuposto teórico básico as premissas da Linguística Sistêmico-Funcional proposta por Halliday e Hasan (1989): as escolhas léxico-gramaticais não são aleatórias, mas são motivadas pelo contexto⁶; é do contexto, portanto, que podemos prever as estruturas do texto. Agregando tal postulado às pesquisas de Marcuschi (2003; 2008), que propõem que todo gênero só se faz circular por meio de algum suporte, Simões (2010) indica que:

Se todo texto é inscrito em algum gênero e este só se materializa por meio da expressão de algum suporte, podemos dizer também que através das singularidades do contexto podemos prever em que estruturas físicas (ou virtuais) os textos serão suportados (SIMÕES, 2010, p. 22).

Sendo assim, ainda conforme Simões (2010), ao analisarmos a Configuração Contextual (CC) – “um conjunto específico de valores que realizam campo, relação e modo” (HASAN, 1989, p. 55) – de um texto, podemos prever as estruturas do suporte (seus componentes físicos, visuais e discursivos) que sustentarão um gênero discursivo em particular.

Dessa forma, há certos componentes do suporte que *precisam ocorrer* para que um gênero seja reconhecido enquanto tal e cumpra o seu propósito social (Cf. SIMÕES, 2010). Esses componentes (físicos, visuais ou discursivos) que *precisam ocorrer* são chamados pelo autor de *elementos gráficos*. Os elementos gráficos, portanto, são aqueles que dão ao gênero discursivo características particulares; é assim, por exemplo, que podemos identificar o “gênero editorial de jornal” ou o “gênero editorial de revista.”

Esses elementos gráficos são eleitos em função de dois aspectos: (a) a cultura, que elege os elementos gráficos que *devem ocorrer* no suporte; e (b) a variável de

⁴ A abordagem sistêmico-funcional desenvolvida por Hasan (1989; 2005), na qual nos pautamos, não define o gênero em termos conceituais, mas apresenta uma maneira de operacionalizá-lo por meio da noção de registro. Para mais detalhes ver Simões (2010).

⁵ Registro pode ser entendido como: como a “a variação de acordo com o uso” (VIAN JR, 2006, p. 392), que se organiza por meio de três níveis: (a) o campo, que se refere à ação social que está sendo realizada; (b) a relação, que indica quem participa da ação social, seus papéis e hierarquias; e (c) modo, que se refere ao papel da linguagem na organização textual, se constitutivo ou auxiliar.

⁶ Para a Linguística Sistêmico-Funcional existem dois tipos de contexto: o contexto de situação (registro) e o contexto de cultura (gênero).

registro relação – aquela que indica quem participa da ação social, seus papéis e hierarquias (Cf. VIAN JR, 2006) – “instância de produção” *versus* “instância de distribuição”, que elege os elementos gráficos que *podem ocorrer* no suporte de um gênero discursivo.

A fim de ilustrarmos essa postulação, apresentaremos abaixo o caso das histórias em quadrinhos conhecidas como mangás⁷ (Fig. 1 / Fig. 2). De nossa parte, ainda que faltem maiores pesquisas sobre o assunto, as consideraremos gêneros discursivos específicos que utilizam a semiótica dos quadrinhos⁸. Dessa forma, temos nas Fig. 1 e 2 partes (capas) do gênero discursivo mangá (*shoujo*)⁹.



Fig. 1 – capa da edição nº1 do Mangá (*shoujo*) *Sakura Card Captors*, editado no Brasil



Fig. 2 – à direita, capa da edição nº 1 do Mangá (*shoujo*) *Sakura Card Captors*, editado no Japão

Para se constituir enquanto gênero mangá (*shoujo*), o gênero escolhe um suporte físico (ou virtual) apropriado – que irá fixá-lo (Cf. MARCUSCHI, 2003; 2008), transportá-lo e protegê-lo (Cf. SIMÕES, 2010). Nessa escolha, que não é aleatória, o gênero mangá (*shoujo*) busca nos componentes do suporte (físicos, visuais e

⁷ Os mangás, ou quadrinhos japoneses, tiveram o seu grande *boom* a partir da boa aceitação do público das histórias de *Dragon Ball* e *Cavaleiros do Zodíaco*, principalmente depois de sua adaptação animada para as redes de TV (Cf. BARBOSA, 2009).

⁸ Assim como a música e o vestuário, os quadrinhos seriam um sistema semiótico. Como sistema, os *Quadrinhos* teriam como principal característica a conjugação de palavra e imagem (desenho), que requereriam dos leitores/produtores de textos uma habilidade de interpretação conjunta entre o verbal e o visual” (SIMÕES, 2010, p. 39). Para mais detalhes ver Simões (2010).

⁹ O *shoujo* (ou meninas em japonês) é um mangá dirigido para meninas. Normalmente este mangá conta a histórias de amor e aventura (Cf. BARBOSA, 2009). “Quem pensa que nesse tipo de mangá tudo é romance está enganado, pois as histórias falam de armaduras, batalhas, intrigas palacianas. Os mais famosos publicados no Brasil foram *Sakura Card Captors* [Fig.1/Fig. 2], do grupo Clamp; *Sailor Moon*, de Naoko Takeuchi; *Guerreiras mágicas de Rayearth*, também do grupo Clamp e *Love Hina*, de Ken Amakutsu” (BARBOSA, 2009).

discursivos) itens que venham colaborar para a realização de seu propósito e reconhecimento social.

Para ser reconhecido culturalmente como mangá (*shoujo*) é preciso que o suporte contenha obrigatoriamente, ao menos no Japão, alguns *elementos gráficos*, como as páginas inseridas da direita para a esquerda, uma vez que a leitura do mangá se dá de trás para frente (Cf. BARBOSA) e um formato retangular bastante reduzido (cerca de 11,4 cm X 17,7 cm), se comparado ao *comics americano* (cerca de 17cm X 25cm). Caso queira, o autor do mangá, em parceria com a editora, poderá inserir alguns *elementos gráficos* – físicos, visuais, ou discursivos – opcionais, ou seja, nem todos os mangás (*shoujo*) terão tais componentes. Esse é o caso do mangá (*shoujo*) *Sakura Card Captors* editado pela editora Brasileira JBC. Em seu interior, encontramos o “gênero instrução” (Fig. 3) (o que não existe na edição japonesa), uma vez que, por questões interculturais, o brasileiro, ao menos em 2001, quando a edição foi distribuída, não possuía o hábito de ler de trás para frente. Assim, a variável de registro relação “instância de produção (autor)” *versus* a “instância de distribuição (editora)” inseriu o “gênero instrução” no componente discursivo do suporte, visando favorecer a circulação, distribuição e reconhecimento do gênero mangá (*shoujo*) na sociedade brasileira.



Fig. 3 – Gênero instrução. / Fonte: SAKURA CARD CAPTORS, 2001, p. 96 e 01.

É dessa forma, portanto, que podemos dizer que o suporte, a organização material da linguagem, assim como o gênero, é resultado de uma configuração particular de campo, relação e modo, ou seja, de uma Configuração Contextual (CC) (Cf. SIMÕES, 2010). As escolhas físicas que condicionarão a materialização da linguagem não são aleatórias e estão vinculadas ao gênero, uma vez que é o gênero que escolhe o melhor suporte para sua materialização e cumprimento de seu propósito comunicativo e reconhecimento social.

Pelo fato de ser caracteristicamente uma organização material, o suporte é constituído por três componentes: o componente físico, o visual e o discursivo, como podemos observar na tabela abaixo (Tab. 1) (Cf. SIMÕES, 2010).

SUPORTE		
Componentes do suporte	Definição	Implicações
FÍSICO	“O componente físico materializa então o gênero no mundo. Ele é estruturado por uma matéria orgânica – como celulose, areia, alumínio, cobre, etc. – e uma matéria-prima – como plástico, madeira, papel, tecido, metal, vidro, etc.” (SIMÕES, 2010, p. 24).	É o componente físico do suporte que confere ao gênero proteção e transporte.
VISUAL (DESIGN)	“O componente visual do suporte, o design, organiza a sensorialidade do texto. Essa sensorialidade é organizada pelos seguintes elementos: textura, forma, módulo, estrutura e movimento. ¹⁰ ” (SIMÕES, 2010, p. 24).	É o componente visual que procura despertar a atenção do leitor/consumidor para a/o leitura/consumo do gênero. Ele busca chamar atenção e transmitir informações básicas para a

¹⁰ O componente visual é organizado por cinco elementos: (a) *a textura* – se lisa, rugosa, macia, entre outros –, “é a maneira de sensibilizar uma superfície” (SIMÕES, 2010, p. 25); (b) *a forma* – se quadrangular, triangular ou outro – “é a maneira pela qual uma superfície se apresenta geometricamente no mundo” (SIMÕES, 2010, p. 25) nela “consideramos tanto a sua forma (geométrica) quanto o seu formato (seu tamanho)” (SIMÕES, 2010, p. 25); (c) *a estrutura* – ou matéria prima – se constituída por vidro, plástico, metal, entre outros – “é o que mantém/compõe esse suporte como elemento material no mundo” (SIMÕES, 2010, p. 25); (d) *o módulo ou montagem* “corresponde aos elementos estruturais típicos de um objeto, que se encaixam na composição de um todo” (SIMÕES, 2010, p. 25), no caso de um

		compreensão do que está sendo veiculado pelo gênero. O componente visual busca ainda ressaltar certos atributos do gênero e agregar algum valor ou identidade ao mesmo. Dessa forma, entendemos que o componente visual colabora para a manutenção e/ou otimização do propósito sócio-comunicativo do gênero.
DISCURSIVOS	“O componente discursivo do suporte organiza os elementos linguísticos e genéricos necessários à conceituação do suporte enquanto tal” (SIMÕES, 2010, p. 27) ¹¹ .	É por meio do componente discursivo que o gênero otimiza a realização de seu propósito sócio-comunicativo.

Tabela 1 – Componentes do suporte, como postulado por Simões (2010).

Podemos dizer, com base na tabela 1, que o gênero escolhe alguns componentes do suporte para sua materialização. São esses componentes (físicos, visuais ou discursivos) escolhidos para a materialização do gênero que chamamos no início dessa seção de *elementos gráficos*.

Dadas as devidas considerações sobre o nosso conceito de suporte, advindo das postulações da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), passaremos, na seção seguinte, à aplicação da proposta na configuração do suporte incidental mesa de estudo de uma biblioteca pública. Afinal: como a mesa se configura enquanto suporte incidental? Que implicações essa configuração tem para a realização dos gêneros discursivos? Que gêneros discursivos escolheriam um suporte incidental mesa de estudo para sua materialização? Quais são as motivações e propósitos sociais destes gêneros inscritos no suporte mesa de estudo? Na próxima seção discorreremos, primeiramente sobre o suporte incidental, e a seguir, discutiremos as questões aqui problematizada.

livro impresso, por exemplo, a capa, miolo, dobras, acabamento e arte final; e (e) *o movimento* – se flexível ou inflexível e se móvel ou imóvel – “consiste na análise da movimentação do objeto, sua flexibilidade ou deslocamento espacial” (SIMÕES, 2010, p. 25).

¹¹ Segundo Simões (2010), os elementos linguísticos são elementos formais – tais como ISBN, ISSN, entre outros – e os elementos genéricos são os *gêneros fixos* (como sumário, índice, etc.) e os *gêneros introdutórios* (como agradecimentos, epígrafe, etc.), como postula Bezerra (2006). Para mais detalhes conferir Simões (2010).

O suporte incidental: algumas considerações

Ainda que de outro lugar teórico, resgataremos aqui o termo *suporte incidental*, advindo das postulações lingüístico-textuais de Marcuschi (2003; 2008). Ao que tudo indica, essa aproximação de conceitos com os postulados da Sistêmico-Funcional não acarretam maiores problemáticas teóricas, ainda que possam surgir críticas sobre o assunto.

O termo suporte incidental foi apresentado por Marcuschi (2003, 2008) e se refere a classificação do suporte em: (a) *suportes convencionais*, aqueles que “foram elaborados tendo em vista uma função de suportarem ou fixarem textos” (2008, p. 177); e (b) *suportes incidentais*, aqueles que “operam como suportes ocasionais ou eventuais” e que possuem “uma possibilidade ilimitada de realizações na relação com os textos escritos” (2008, p. 177).

Um suporte incidental, portanto, é um objeto físico (ou virtual) que fixa/mostra (Cf. MARCUSCHI, 2003; 2008), protege e transporta gêneros discursivos (Cf. SIMÕES, 2010). Ocorre que este suporte não tem como função principal a realização de gêneros do discurso, como é o caso do suporte convencional.

Tomemos como exemplo o caso abaixo (Fig. 4):



Fig. 4 – Suporte incidental guardanapo

Um guardanapo, como sabemos, não possui, a princípio, o propósito social de abrigar gêneros discursivos. Os exemplos acima (Fig. 4) se constituem como um exemplo de suporte incidental (Cf. MARCUSCHI, 2003; 2008). Aqui, portanto, o guardanapo emerge como um meio casual, para uma prática sócio-comunicativa

específica. Isso porque, em geral, o guardanapo não seria usado como um suporte, mas como algo para se limpar os lábios ou os dedos ou mesmo proteger a roupa enquanto a pessoa se alimenta. Podemos assumir que esse suporte circunstancial em geral deverá portar textos curtos, em função do seu tamanho, cujo componente visual é em formato quadrangular e de tamanho pequeno (cerca de 11,4 cm X 11,4cm). Mas observe que este suporte não preservará por muito tempo o gênero ali abrigado, uma vez que poderá ser dobrado, amassado, e ainda rasgado, em função do componente físico e visual do suporte, papel de baixa gramatura, com textura rugosa.

Aqui está um caso curioso. Imaginemos que o guardanapo ou outro qualquer tenha sido tomado como um portador de textos não só pela sua condição estratégica de uso nas repúblicas, mas também pelo ambiente favorável aos destinatários da prática comunicativa: estudantes de república. O concurso República Redonda trata-se de um evento recreativo patrocinado pela AMBEV, onde as repúblicas deveriam se inscrever e cumprir algumas tarefas para conquistar prêmios¹². Observe que a cervejaria Skol atribui ao guardanapo novas funções: pano de chão, prato, garfo, faca, além de usá-lo estrategicamente como portador de um texto publicitário.

O fato é que, embora os gêneros tenham uma relativa estabilidade, não podemos nos esquecer de que não são iguais, ou seja, não são interpretados ou reconhecidos da mesma forma pelos observadores. Ninguém sempre sabe o que sabemos. Não compartilhamos da mesma cultura textual, linguística ou mesmo genérica. Ou seja, não compartilhamos o mesmo tipo e nível de conhecimento sejam por fatores culturais, sociais ou históricos. Gênero se configura pela identidade na diferença; na identidade, ressaltamos a tipificação, a tradição, a governança, enquanto a diferença aponta para a variação, inovação e transformação, pelo fato de serem constructos sócio-históricos e culturais, ou seja, formas de ação e interação sociais produzidas por grupos determinados em esferas dadas e contextos situacionais e culturais específicos.

Diante dessas observações, podemos dizer que o suporte incidental, como o guardanapo, ou outro, permite ao gênero uma infinidade de realizações, ao variar os contextos de realização, situacional e cultural. Ao que tudo indica, a classificação de Marcuschi (2003; 2008) em relação ao suporte, se incidental ou convencional, se pauta na *probabilidade* de realização de gêneros. Dessa forma, o suporte convencional teria *maior* probabilidade de realização de gêneros, ao passo que o suporte incidental teria

¹² Disponível em: <http://www.republicaredonda.com.br/#/concurso>. Acesso em: 03 fev. 2010.

menor probabilidade de realização – seria como se construíssemos um contínuo em relação a incidentalidade e convencionalidade (Fig. 5).

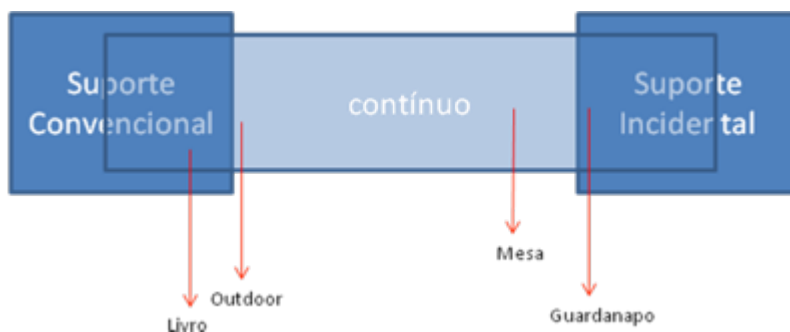


Fig. 5 – O contínuo na relação suporte convencional e suporte incidental.

De acordo com a Fig. 5, podemos entender que o livro é um suporte com maior probabilidade de realização de gênero do que o guardanapo, ou seja, encontramos com maior facilidade livros contendo os mais variados textos e gêneros do que guardanapos. O mesmo podemos dizer da mesa em relação ao guardanapo: o guardanapo possui um maior grau de incidentalidade e por isso tende a realizar menos gêneros do que a mesa, ou seja, encontramos com maior facilidade mesas contendo textos do que guardanapos contendo textos.

Esse postulado, portanto, nos indica, novamente, que as escolhas físicas de materialização da linguagem não são aleatórias e por isso devem ser levadas em consideração na análise de gêneros do discurso. Qualquer material físico pode conter, fixar, proteger e transportar gêneros. A relação de convencionalidade e incidentalidade é, assim como o gênero, sócio-histórica e cultural. Para uns aquele objeto físico (ou virtual) normalmente não realiza gêneros; entretanto, para outros o mesmo objeto físico (ou virtual) pode realizar gêneros, ainda que em escala menor. Resgatando os postulados da Sistêmico-Funcional, poderíamos dizer ainda, a depender do contexto de situação e de cultura, que os suporte convencionais *devem* realizar gêneros – ou melhor, espera-se que eles realizem gêneros – da mesma forma que os suporte incidentais *podem* realizar gêneros – ou melhor, espera-se que eles não realizem gêneros. Isso indicaria, então, a nossa expectativa em relação ao surgimento de gêneros na sociedade. Dessa forma, uma pergunta interessante a se fazer ao suporte é: que gêneros escolheriam um suporte incidental para sua realização? E por quê?

Por fim, ainda podemos dizer que escolher um suporte incidental, ao invés de um convencional, para a materialização de um gênero é significativa. No caso do guardanapo, o gênero, estando em papel de higiene, ganhou circulação e proximidade com o público ao qual foi dirigido, os estudantes de república. Estando em papel descartável, o gênero se mostra renovável: do descarte há a implicação do surgimento de um novo gênero, completamente novo naquele mesmo suporte – seria o objetivo do gênero instigar a formação de uma coleção de guardanapos?

Feitas as nossas considerações sobre o suporte incidental, passaremos, na seção seguinte, à configuração do suporte incidental mesa de estudo.

A configuração do suporte incidental mesa de estudo

Uma mesa qualquer, como sabemos, convencionalmente, não possui a função textual de suportar gêneros discursivos. Ela é um objeto social de nosso mobiliário pessoal ou profissional com a função de suportar objetos e não textos. Entretanto, percebemos em algumas delas, em especial às situadas em espaços públicos ou privados de grande circulação – como as mesas escolares e as mesas de estudo em bibliotecas, ou outras –, a presença de gêneros discursivos bem específicos. Os gêneros presentes em suportes públicos incidentais, como afirma Marcuschi (2003), na maioria dos casos, comportam gêneros de vida efêmera, que logo serão substituídos por outros.

A impressão que se tem é que pelo fato de ser um ambiente amplo e aberto [o espaço público], os gêneros ali presentes têm vida sazonal. Seja pela moda, pela política ou algo assim. Entre esses suportes estão: a) outdoors; b) paredes; c) muros; d) paradas de ônibus; e) estações de metrô; d) Calçadas; g) Fachadas; g) [sic] Luminosos; h) Faixas; i) janelas de ônibus; placas públicas (MARCUSCHI, 2003, p. 28).

Em certa medida, nos parece que este é o caso da mesa de estudo de nosso material de análise. Ela se situa em uma biblioteca pública universitária em uma sala de estudo isolada acusticamente. Seus freqüentadores são estudantes do ensino médio federal e alunos universitários das áreas de humanas, exatas e biológicas. A mesa possui a forma de um caixote: tampada na frente e nas laterais, com apenas duas aberturas (Fig. 6). Essa estruturação, então, limita a visão do estudante e o impede de se desconcentrar em suas leituras.



Fig. 6 – Suporte incidental mesa de estudos de uma biblioteca pública.

Observamos que a última mesa de uma sala de estudo da biblioteca central da universidade, que se situa próximo à parede e distante da janela¹³. Ao analisarmos a mesa podemos constatar a presença de muitos gêneros discursivos, tais como¹⁴:



Figura 7 – Gêneros discursivos presentes no suporte incidental mesa de estudos e parede.

¹³ Aqui, devido ao isolamento do ambiente de estudo, a parede próxima a mesa também surge como suporte incidental e completa, em termos, os gêneros discursivos que surgem na mesa.

¹⁴ Os trechos aqui descritos estão como no original. Acrescentamos, entretanto, apenas as marcações de leitor 1, 2, 3, etc., pois muitas vezes os gêneros produzidos tiveram a participação de outros escritores. Salientamos ainda que a classificação foi realizada por nós tendo em vista o nosso reconhecimento da forma e das propriedades funcionais e discursivas dos gêneros.

- **Enquete:**

*Enquete p/ mulheres
vc já traiu? PQ? Onde? Sexo?*

Leitor 1: S.. PQ queria dar. Banheiro da NUT.

Leitor 2: Para meter

Leitor 3: tava doida pra chupar!

- **Classificados**

Quero namorado 3892-6673

Por favor

- **Esquema**

Pirralhada metida (leitor 2: e inteligente) = COLUNI

- **Classificados + comentário**

Mulher da EFI querendo transar

Deixe recado

8302-9444

Comentários do caixote

Leitor 1: já kumi

Leitor 2: ECA!!! Mole...

Leitor 3: BOA D++++

- **Pensamento do dia**

Sorte do dia

Muié que não dá voa!!!

Comentários do caixote

Leitor A: galinha tem asas e não voa

Leitor B sobre leitor A: Sua mãe tem asas tbém!

Leitor 1: Por isso tenho asas!!!

Leitor 2 sobre leitor 1: Por isso sou um anjo

Leitor 3 sobre leitor 2: tbém há anjos no inferno sua bruxa

- **Bilhete**

Povo não-viçosense obrigado por estudar aqui na UFV pois vc ajuda no crescimento de viçosa.

Comentários do caixote

Leitor 1: AFF!!! Ajuda a inchar viçosa só se for!!!

- **Declarações de amor (e outros similares)**

Escritor 1: *Bruna e Elberty 08/11/06*

Escritor 2: *Fudidas em MAT*

Escritor 3: *Corinthians time de traveco*

Escritor 4: *Doidinha D.F.*

Escritor 5: *Coluni creche da UFV*

Escritor 6: *Alex comeu Ana*

Escritor 7: *Calculo é Mara pow!*

Escritor 8: *Babaca Diego*

- **Poesia**

Biblioteca da Z!cação

Que aquele falso sonho tivesse acabado ali mas foi só o começo vamos tentar de novo!

- **Pregação**

O senhor é meu pastor e nada me faltará!

A partir dos gêneros acima, podemos perceber que a mesa de estudo dessa universidade é utilizada por seus usuários como um suporte incidental. Como suporte, podemos dizer que os gêneros ali suportados são específicos e não circulariam em outro lugar da mesma forma que circulam na mesa de estudo; afinal, os gêneros foram/são particularizados pelo suporte (Cf. SIMÕES, 2010). Esse é o caso do “gênero declaração”. Ele já não pode mais ser comparado com outros “gêneros declaração”, a menos que estes estejam fixados em um suporte incidental mesa de estudo de uma biblioteca pública.

O mesmo ocorre com o “gênero comentários do caixote.” Ele corresponde ao gênero comentário, entretanto, e como também já é nomeado por seus usuários, é chamado de “comentários do caixote”: onde o “comentário” se refere ao gênero discursivo escolhido para comunicação (o comentário) e o “caixote” se refere ao suporte escolhido para materialização física do gênero discursivo no mundo (a mesa de estudo). Aqui, fica evidente a postulação de Simões (2010) ao afirmar que os gêneros devem ser configurados junto aos seus suportes. Isso ocorre, como pensamos, pois os indivíduos na sociedade, como ocorreu no caso do “gênero comentários do caixote”, parecem identificar o gênero primeiramente pelo seu formato (daí o termo caixote, advindo da mesa de estudo em forma de caixote – tampada na frente e nas laterais, com apenas duas aberturas (Fig. 6)) e depois por suas propriedades funcionais e discursivas (Cf. GOMES, 2011; SIMÕES & GOMES, 2011). Essa nomeação do gênero e do suporte simultaneamente, como no “gênero comentários do caixote”, comprova as nossas reflexões de pesquisa: a escolha do suporte pelo gênero o afeta, ou ainda, em outras palavras, o suporte afeta o gênero; tanto o é que sua nomeação/identificação agregou

características do gênero (nome comentário) e do suporte (nome caixote, pelo formato em caixa).

Ainda podemos ilustrar a relação acima, com mais um exemplo, ainda que não seja este o foco de nosso trabalho: o caso do “gênero entrevista da Veja” (Fig. 6). Esse gênero, difere das outras entrevistas, muitas vezes porque, é nomeado socialmente como “entrevista das páginas amarelas da veja.” Essa relação é a mesma que ocorre com o “gênero comentários do caixote” identificado em nosso material de estudo: a relação gênero-suporte se faz tão presente que o gênero agrega a sua nomeação, no caso do “gênero comentário” foi o formato do suporte “caixote”, já no caso do gênero entrevista da veja foi a cor das páginas em que surgem.



Fig. 6 – Gênero entrevista das páginas amarelas da Veja.
 Fonte: VEJA, Set. 2011, p. 17, 20 e 21.

Diante destas questões, podemos dizer que o reconhecimento dos gêneros na vida social passa primeiramente pelo formato, melhor dizendo, pela análise dos componentes do suporte físicos e visuais. Bazerman (2005, p.30), corroborando com nossas proposições, ainda argumenta que “os formatos padronizados nos direcionam no sentido de qual informação apresentar. [...] e também nos direciona no sentido de como apresentar as informações. Além disso, existem diferenças padronizadas de formato em diferentes profissões.” O autor (2005) ainda argumenta que a maioria dos gêneros tem características de fácil reconhecimento que sinalizam a espécie de texto que são. Normalmente essas características estão vinculadas com às funções principais ou atividades realizadas pelo gênero. Essas características distintivas nos parecem dizer muito sobre o seu propósito social, como podemos perceber nos gêneros aqui em destaque. Podemos dizer ainda que, com o passar dos anos, em função de nossas

práticas sociais, reconhecemos rapidamente alguns gêneros em função de alguns traços sinalizadores que nos indicam que tipo de gênero é aquele (BAZERMAN, 2005). Ao que tudo indica o gênero “comentários do caixote” e o “gênero entrevistas das páginas amarelas da veja”, são um exemplo dessas reflexões.

Ao configurarmos o suporte por meio das discussões realizadas por Simões (2010), podemos perceber mais claramente a relação gênero-suporte.

A mesa como suporte incidental configura-se da seguinte forma:

Componentes do suporte	Elementos Gráficos eleitos
FÍSICO	Matéria orgânica: celulose. Matéria-prima: madeira.
VISUAL (DESIGN)	Textura: lisa e fosco/cor marron escuro.
	Forma: retangular (1m x 1m).
	Estrutura: celulose (madeira ¹⁵).
	Módulo: (a) Montagem básica: baia, superfície plana e pés. (b) Acabamento: liso e fosco.
DISCURSIVOS	Movimento: inflexível e móvel.
	Elementos lingüísticos e outros gêneros: --- Elementos genéricos: (a) Gêneros fixos: --- (b) Gêneros introdutórios: ---

Tabela 2 – A configuração do suporte incidental mesa de estudo de uma biblioteca pública.

De acordo com a Tabela 2, podemos dizer que a mesa enquanto tipo de suporte incidental possui como componente físico a madeira como matéria-prima. Isso implica em dizer, portanto, que os gêneros, que, por ventura, se realizam na mesa, primeiramente devem vencer a resistência do material madeira, que, ao mesmo tempo em que protege o texto de intempéries climáticos e físicos, o impede de se realizar e de se expandir. Na mesa, os gêneros que encontramos – tais como os comentários do caixote, declarações, bilhetes, entre outros – foram inseridos por meio de pincéis atômicos permanentes de cor escura (caneta e lápis também podem ser usados), corretivo e esculpismos em madeira (feitos por chaves ou estruturas mais rígidas que a madeira). Dessa resistência do material se justifica o tamanho dos gêneros ali

¹⁵ Deveríamos explicitar nesse momento o tipo de madeira escolhida para construção da mesa, entretanto, não foi possível obter tais informações.

encontrados: todos são breves, escritos, em sua maioria, em letras de forma e com cores claras, como o branco, ou mais escuras que o marrom, como o preto.

Uma vez vencida a resistência do material (madeira), o gênero sobrevive ali por anos até que outro tome o seu lugar por sobreposição, uma vez que os gêneros realizados na madeira não conseguem ser desfeitos com facilidade, principalmente aqueles esculpidos.

Quanto aos componentes visuais do suporte mesa, podemos dizer que a textura lisa dificulta a fixação do gênero na mesa. Como sabemos materiais em design rugoso, ondulado ou áspero facilitam a fixação de textos, o que não ocorre, portanto, com materiais lisos e de alta resistência como a madeira. Em relação ao módulo, podemos dizer que a construção modular específica da mesa de estudo (baia + superfície plana + pés), possibilita que seus usuários tenham uma maior privacidade para inserir seus gêneros naquele suporte. Pelo fato de ser um patrimônio público, a mesa não deve conter textos, a menos que seus usuários queiram transgredir normas sociais. Ao que parece, há transgressão social. A temática escolhida pelos gêneros inseridos na mesa tendem à sexualidade, à depravação e ao anonimato, uma vez que o autor do texto fica ali isolado de todos os outros, não havendo visibilidade de seus atos e ações. Nesse aspecto, a baia da mesa de estudo favorece a presença de tais temas. De nossa parte, a mesa parece ser vista como um diário íntimo aberto, onde amores, ódios, desejos, medos, raivas e crenças (políticas e/ou religiosas) são escritas e narradas sem censura, uma vez que a maior parte dos gêneros ali realizados não contém autoria definida.

Por fim, ainda podemos dizer que a mesa enquanto mesa – e também por ser incidental – não apresenta gêneros discursivos, sejam eles gêneros fixos ou introdutórios, em sua composição discursiva.

Feitas as nossas considerações sobre a configuração do suporte incidental mesa de estudo passaremos, em nossa última seção a tecer as nossas considerações finais sobre o assunto.

Considerações Finais

Em nossa exposição, procuramos problematizar de forma teórica e empírica a noção de suporte, fato, até então, pouco discutido nas ciências da linguagem. Pautados em um aporte teórico-metodológico da Lingüística Sistêmico-Funcional (Cf. HALLIDAY, HASAN, 1989; SIMÕES, 2010) configuramos o suporte incidental mesa de estudo de uma biblioteca pública: (a) seu *componente físico* contém os elementos

gráficos celulose, como matéria orgânica, e madeira, como matéria-prima; (b) seu *componente visual (design)* contém os elementos gráficos textura lisa e fosca na cor marrom escura, forma retangular (1mX1m), estrutura em madeira, módulo em acabamento liso e fosco em uma montagem composta por baia, superfície plana e pés, e um movimento classificado como móvel e inflexível; (c) e a inexistência de *componente discursivo*.

De nossa pesquisa, podemos concluir que o gênero escolhe o melhor suporte para sua materialização, haja vista a realização de seu propósito comunicativo e reconhecimento social. Escolhido o suporte, se convencional ou incidental, o gênero passa a se configurar. Muitas vezes, como é o caso do gênero “comentários do caixote”, a relação gênero-suporte se faz tão presente que a nomeação do gênero traz em si as marcas ou o nome referente ao suporte, no caso do “gênero comentário” o termo “caixote.” Aqui se torna evidente a tese de Gomes (2011) e Simões & Gomes (2011), também admitida por nós: o gênero é identificado primeiramente pelo seu formato e depois por suas propriedades funcionais e discursivas.

Ainda em relação a esta questão, podemos dizer que formato é a junção de dois componentes do suporte: o físico e o visual, porque identificamos os gêneros primeiramente pelo suporte, pelos seus componentes físicos e visuais, e depois por suas características funcionais e discursivas (GOMES, 2011; SIMÕES & GOMES, 2011).

Ainda em relação ao suporte, podemos dizer que Marcuschi (2003; 2008) vê a relação de convencionalidade e incidentalidade como parte de um grande contínuo, na medida em que quaisquer materiais físicos (ou virtuais) podem suportar textos. Ocorre que os suportes convencionais têm uma *maior* probabilidade de realizar textos e gêneros, ao passo que os suportes incidentais tem uma *menor* probabilidade. Dessa forma, a escolha por um suporte convencional, já reconhecido na sociedade como abrigo de gêneros, ou, por um suporte incidental, ainda não reconhecido na sociedade, não é aleatória por isso significa. A Sistêmico-Funcional, portanto, pode entender o suporte convencional como aquele que *deve* realizar gêneros (ao menos essa é a expectativa); ao passo que o suporte incidental é aquele que *pode* realizar gêneros, mas essa não é a nossa expectativa.

A noção de suporte, como se viu, ainda carece de estudos, pesquisas e debates. Nossas considerações possivelmente podem abrir comentários para outras considerações e debates futuros no campo da ciência linguística.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA, A. Mangás em sala de aula. In: VERGUEIRO, W; RAMOS, P (Orgs.). **Quadrinhos na educação: da rejeição à prática**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 103-125.
- BAZERMAN, C. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. São Paulo: Cortez, 2005.
- BEZERRA, B. G. **Gêneros introdutórios em livros acadêmicos**. Tese de doutorado. CAC, UFPE, Recife: O autor, 2006.
- BEZERRA, B. G. Do manuscrito ao livro impresso: investigando o suporte. In: CAVALCANTI, Mônica; et al. **Texto e discurso sob múltiplos olhares, v.1: gêneros e seqüências textuais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 8-37.
- GOMES, M. C. A. Das relações entre gêneros, suporte e formatos: um estudo da conta de energia elétrica da CEMIG-MG. In: CARMOS, Claudio Marcio do. (Org.). **Textos e Práticas de Representação**. Curitiba: Editora Honoris Causa de Curitiba, 2011, v. 1, p. 189-214.
- HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. **Language, context and text: aspects of language in a social-semiotic perspective**. Oxford: Oxford University press, 1989.
- HASAN, R. The structure of a text the identity of text. In: HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. **Language, context and text: aspects of language in a social-semiotic perspective**. Oxford: Oxford University press, 1989.
- HASAN, Ruqaiya. Language and society in a systemic functional perspective. In: HASAN, R.; MATTHIESSEN C.; WEBSTER, J. J. **Continuing Discourse on Language**. London: Equinox Publishing LTD, 2005. p. 55-78.
- MARCUSCHI, Luis Antônio. **A questão do suporte nos gêneros textuais**. (Versão provisória 18/05/2003). Disponível em: <http://bbs.metalink.com.br/~lcoscarelli/GEsuporte.doc>. Acesso em: 10 Dez. 2009.
- MARCUSCHI, Luis Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. p. 173-186.
- SAKURA CARD CAPTORS. Edição Brasileira, nº7. São Paulo: JBC, 2001.
- SIMÕES, A. C.; GOMES, M. C. A. **Panorama de estudos lingüísticos sobre o suporte: proposições e debates**. In: GLÁUKS, volume 11, nº1. 2011. p. 15-34.
- SIMÕES, Alex Caldas. **A configuração de gêneros multimodais: um estudo sobre a relação gênero-suporte nos gêneros discursivos tira cômica, cartum, charge e caricatura**. Viçosa, 2010. 140f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal de Viçosa.

SOUZA, A. G. CARVALHO, E.P. M. **O signo: no Suporte e no gênero virtual.** In: Letra Magna, Revista Eletrônica de divulgação científica em Língua Portuguesa, lingüística e literatura. Ano 4, n° 7, 2° Semestre de 2007.

SOUZA, A. G. CARVALHO, E.P. M. **Uma noção de suporte virtual.** In: Anais do simpósio de hipertexto e tecnologias na educação NEHTE UFPE, 2006.

SOUZA, A. G. O suporte dos gêneros digitais. Disponível em: http://www.souza.pro.br/conceito_suporte.pdf . Acesso em 8 Dez. 2009.

SOUZA, A. G. **Software:** um esboço de um estudo para as ciências da linguagem. Dissertação (mestrado). Recife, UFPE: O autor, 2010.

TÁVORA, A. D. F. **Construção de um conceito de suporte:** a matéria, a forma e a função interativa na atualização de gêneros textuais. Tese (doutorado). Fortaleza, UFC: 2008.

VEJA. Ed. Abril, ano 44, n° 36. 7 Set. 2011.

VIAN JR, O. Gêneros discursivos e conhecimento sobre gêneros no planejamento de um curso de português instrumental para ciências contábeis. In: **Linguagem em (Dis)curso** - LemD, Tubarão, v. 6, n. 3, set./dez, 2006. p. 389-411.

Submetido em: 27/02/2018

Aprovado em: 30/10/2019

Como referenciar este artigo:

SIMÕES, Alex Caldas SIMÕES; GOMES, Maria Carmen Aires. A configuração do suporte incidental mesa de estudo: uma abordagem sistêmico-funcional. **revista Linguasagem**, São Carlos, v.33, n.1, jan./jun. 2020; p. 18-37.